

Duquesne University

Duquesne Scholarship Collection

Antologia Espiritana

Anthologie Spiritaine

5-1-2010

11. APOIAR UM SUPERIOR QUE TEM UM CONFRADE DIFÍCIL, Ao P. Gravière

Christian de Mare CSSp

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese>



Part of the [Catholic Studies Commons](#)

Repository Citation

de Mare, C. (2010). 11. APOIAR UM SUPERIOR QUE TEM UM CONFRADE DIFÍCIL, Ao P. Gravière. Retrieved from <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese/99>

This V is brought to you for free and open access by the Anthologie Spiritaine at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Antologia Espiritana by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

11. APOIAR UM SUPERIOR QUE TEM UM CONFRADE DIFÍCIL

Ao P. Gravière ²⁸¹

O P. Jerónimo Gravière é um “homem sério, de virtude comprovada, de espírito sólido e de caráter firme e persistente” (ND VII, pg. 437²⁸²). Já tinha tido dificuldades na orientação duma comunidade do Sagrado Coração de Maria, no Senegal. Agora, superior da nossa comunidade de Bordéus, enfrenta outros problemas da parte de certos confrades e queixa-se de que o P. Libermann não o apoia na sua difícil tarefa. Este responde às suas queixas e partilha a sua experiência de governo de comunidades²⁸³.

Paris, 22 de Outubro de 1851

Caríssimo confrade,

A carta que vai em anexo contém as advertências e observações para a comunidade. Escrevi-a de maneira a poder ser mostrada ao P. Vaugeois²⁸⁴. Esta que lhe dirijo a si contém as advertências e observações que lhe dizem pessoalmente respeito, quer como indivíduo quer como superior da comunidade. Vou ser franco e direto, mas tenha a certeza de que tudo o que lhe digo é com afeto, sem nenhum ressentimento nem desagrado. Desejo de todo o coração que estejamos todos unidos e que na direção das comunidades haja sintonia comigo. É por isso que sinto necessidade de lhe falar com abertura de coração e sem segundas intenções.

1º Você está convencido de que dou facilmente razão aos confrades contra os superiores. É uma ideia totalmente errada até porque, agir assim, seria totalmente descabido. Não corresponde minimamente à verdade que eu tenha feito isso no caso da Guiné; todos os factos que me citou relativos a esse tempo nada provam, porque alguns não foram bem assim e outros não têm nada a ver com isso. É esta a minha linha de conduta em tais situações:

a) Não desautorizo e nunca desautorizei os superiores, mesmo quando

²⁸¹ ND XIII, pg. 331-336.

²⁸² Cf. índice onomástico.

²⁸³ Cf. carta ao P. Lossedat, de 13 de Abril de 1846 em ND VIII, pg. 109-115.

²⁸⁴ Cf. índice onomástico.

Antologia Espiritana

não têm razão. Mas também não lhes dou razão quando a não têm, ou seja, por princípio não os apoio se não têm razão, sobretudo quando o que está em jogo é uma regra. Neste caso, o que procuro é levar o confrade a interpretar no melhor sentido o ato ou a palavra de que ele se queixa, salvaguardando o princípio ou a regra em questão e explicando a conduta do superior; por vezes não dou nenhuma explicação, e limito-me a dizer que o superior teve razões de circunstância para falar e agir assim, etc.; junto sempre as normas da fé sobre a obediência.

b) Com os confrades indelicados, inflexíveis ou em crise, sou cauteloso. A esses falo com moderação, brandura e cuidado. Foi talvez por isso que você ficou melindrado; bem sabe que ainda tem um feitio um pouco ríspido, que é levado a impor a sua vontade e a teimar nas suas ideias. Pois bem! O resultado foi ter achado que a minha palavra não foi ao encontro das suas ideias e do seu desejo; o resultado foi que até você compreendeu mal o que eu dizia em resposta às queixas dos confrades. Já lá iremos. Se é assim que faço quando o superior está errado, com muito maior razão quando o erro está do lado do confrade.

A esta primeira queixa acrescenta, com referência sobretudo ao passado, que escuto demasiado os que estão descontentes; mas é indispensável que eu escute todos os que se queixam; se me recusasse a ouvi-los, fechava o coração a todos os que sofrem, o seu estado iria de mal a pior e eu ficaria sem condições de lhe dar remédio. Por amor de Deus, deixe-se dessas ideias e não ligue mais a isso. São tentações, e é como tais que têm de ser vistas e tratadas; pode ter a certeza de que isso tem a ver com um fundo de suscetibilidade, de rigidez natural e de obstinação em relação às suas próprias ideias. Você luta contra esses defeitos desde há muito, mas ainda não os venceu. Dir-lhe-ei, nesta circunstância, o que digo normalmente em casos semelhantes: nunca se tem razão contra o seu superior; e mesmo que se tenha, agindo assim acaba-se por perdê-la. Procure ver as coisas do meu ponto de vista, esteja intimamente unido comigo, num só coração, numa só alma, puxando na mesma direção; ajude-me a dirigir a comunidade de que está encarregado para que, pelo que me toca, também eu o possa ajudar a si eficazmente.

Sobretudo diante de seus confrades evite fazer a menor queixa, mostrar o menor descontentamento, mesmo quando eu não tiver razão nenhuma, porque isso seria ofender a Deus, fazer mal aos seus confrades e destruir a sua

Congregação do Espírito Santo

própria autoridade. Como é que os seus confrades não hão de murmurar, se o ouvirem a si a murmurar? Além disso, a autoridade do Superior Geral será sempre mais respeitada e a sua direção mais bem acolhida que a de um superior particular; então, uma crítica lançada por este último contra ele dá sempre em mau resultado, mais cedo ou mais tarde, sobretudo entre os confrades mais firmes. Digo-lhe estas coisas não por ter recebido queixas a esse respeito, mas porque é natural que, quando se está descontente, se deixe escapar um lamento. Por isso, penso ser útil preveni-lo, certo de que terá em conta as minhas advertências.

2º A regularidade. Tenho a íntima convicção de que você observa as nossas Regras, como o testemunham os seus confrades. No entanto, devo dizer-lhe que recebi queixas a esse respeito (o termo queixa é inexato, foram apenas observações); e embora tenha relativizado essas observações, embora tenha compreendido que elas possam vir da situação excepcional da sua comunidade, situação que o obrigou em determinadas circunstâncias a faltar aos regulamentos, enfim, embora a visita do P. Schwindenhammer me tivesse dado novas certezas do seu apego às Regras, pensei, no entanto, ser útil comunicar-lhe as observações que me chegaram a esse respeito, pedindo-lhe para não tentar adivinhar quem as fez, nem afligir-se com isso, porque o que todos nós sentimos é precisamente o contrário. Disseram-me que você impunha a sua vontade em vez da Regra e que tinha por princípio que o superior de cada comunidade era dono da Regra. Acredite que não me deixei impressionar por esta observação; nunca lhe iria atribuir semelhantes propósitos. Mas penso que na situação difícil em que se encontra com o P. Vaugeois, poderão ter-lhe escapado algumas palavras que não exprimiam as ideias que lhe atribuíram, mas que teriam levado os confrades a supor que sim, nos momentos de mágoa subsequentes. Não se apoquente com estas pequenas falhas; aproveite-as para adquirir experiência; meça bem as suas palavras, para que em todas as circunstâncias os seus confrades vejam que no exercício das suas funções se apoia na Regra e na obediência e para que nunca ninguém possa pensar que você quer fazer prevalecer a sua vontade sobre a Regra e sobre a vontade do Superior Geral. Uma vez que toda a autoridade dum superior particular decorre desta dupla fonte, ela será acatada quando se vir que se apoia sempre sobre estas duas bases. Considero este ponto como o mais importante para a direção das comunidades e a conservação dum bom espírito entre os confrades.

A direção da comunidade: você está numa situação difícil e penosa com

Antologia Espiritana

o P. Vaugeois, que é de temperamento difícil, grosseiro e sem espírito religioso. Sentimos profundamente e fazemos nosso o seu sofrimento. Tenha paciência, coragem e confiança; acredito que quando chegar o dia de podermos ir em sua ajuda, e vamos fazer quanto de nós dependa para que não tarde, Deus lhe dará tantas consolações quantas as dificuldades que agora tem. Enquanto espera, procure viver com o P. Vaugeois na melhor harmonia possível. É muito lamentável que ele vá consultar pessoas estranhas. Poderia proibi-lo de se confessar a pessoas de fora, mas receio que ele arme algum escândalo; além disso, duvido que esta medida traga algum remédio. Ainda que o P. Vaugeois se confessasse obrigatoriamente a si, nem por isso mudaria de procedimento consigo. Pede para ter total liberdade de ação, na obra dos soldados; gostaria de conduzir essa obra como entendesse. E quer não só essa margem de liberdade para si, como ainda gostaria de ter ao seu serviço o Ir. Luís e dispor dele. Há duas situações a distinguir, como o faz de facto o P. Vaugeois: a interna à obra e a externa. Quanto à interna é bom que ele tenha toda a margem de liberdade para tudo o que diz respeito à orientação das aulas, à instrução e às conferências religiosas, e para tudo o que diz respeito em geral à orientação interna da obra.

No entanto:

1º É necessário que o superior conheça e decida sobre tudo o que toca à disciplina, à boa ordem da casa e às Regras: por exemplo, as horas das reuniões, a sua duração e outras coisas semelhantes.

2º Em princípio o superior teria direito de estar ao corrente de tudo, mesmo no que toca à direção interna de qualquer obra a cargo dos confrades; mas, na prática deve deixar-lhes toda a margem de liberdade, salvo em casos excepcionais que exigiriam a sua intervenção. É necessário, em geral, não entrar o desenvolvimento do zelo dos confrades, nem perturbar a sua ação, o que aconteceria se o superior quisesse imiscuir-se na vida interna duma obra confiada a um confrade. Isto a respeito da situação interna.

Quanto à externa, ou seja, às relações com as pessoas de fora, com as autoridades militares, com os soldados nas casernas, com os benfeitores da obra: em princípio toda a relação com a autoridade, tanto civil como eclesiástica, compete ao superior, e logo que a sua pequena comunidade receber reforços, terá que passar a ser mesmo assim. Por agora será difícil ter mão no

Congregação do Espírito Santo

P. Vaugeois; mas continua válido que nenhuma iniciativa externa pode ser tomada sem que você a aprove. É neste sentido que vou falar ao P. Vaugeois, sem, no entanto, nada dizer que autorize as iniciativas tomadas por ele junto das autoridades.

Quanto ao F. Louis²⁸⁵, só de si deve receber ordens. Não só terá que ter ordens suas para ficar ao serviço da obra, como também só você pode estabelecer até que medida é que ele pode ficar ao serviço da obra. A não ser assim, o F. Louis ficaria incontrolável. É necessário velar para que ele não seja posto em relação com as pessoas de fora; enredar-se-ia com elas e acabaria por cometer imprudências graves em detrimento da comunidade. O P. Vaugeois diz na sua carta que o P. Schwindenhammer o tinha encarregado da obra dos soldados. Isso não é exato; o P. Schwindenhammer disse-me que não é nada disso. Com efeito, não é ao Visitador mas ao superior que pertence fazer isso. Em resumo, lide com jeito com o P. Vaugeois. Tenha em conta as suas fraquezas, a sua rudeza, procure gerir o seu orgulho, evite quanto puder choques, altercações, até mesmo trocas de ideias. Procure não fazer sentir a sua autoridade nos modos de falar. É necessário ter firmeza para manter a Regra e a boa ordem, mas a aplicação prática desta firmeza deve fazer-se de forma suave, moderada e humilde. Leia os dois capítulos da segunda parte das nossas Regras, da página 166 até à página 184.

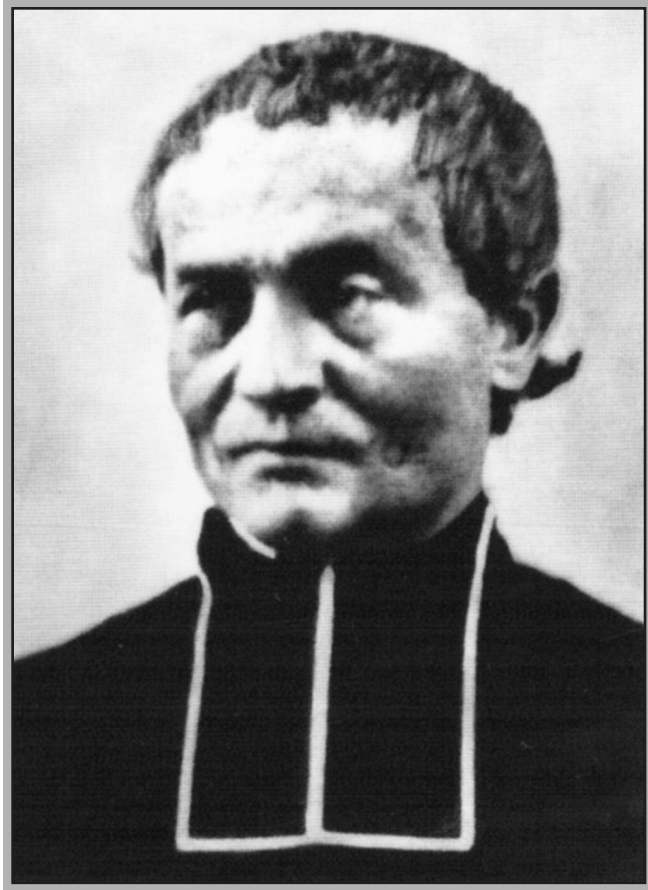
Não falei, na minha carta de 21, dos dons e honorários que recebe frequentemente o P. Vaugeois. Também em princípio qualquer dom feito a um membro da Congregação só deve ser aceite com a permissão expressa e, em certos casos, presumida do superior, e deve pura e simplesmente ser-lhe entregue, não podendo quem o recebeu dispor dele em proveito próprio. Mas com o P. Vaugeois é difícil obter a observância desta regra. Por isso vou contentar-me com dizer-lhe que a Regra pede que os dons e os honorários sejam entregues ao superior.

Todo seu em Jesus e Maria.

Fr. Libermann

²⁸⁵ Cf. índice onomástico

Antologia Espiritana



Libermann